

O desporto nas sociedades modernas*

João S. Batista**
Rui Pena Pires**

Resumo — Neste texto discutem-se contributos dos mais importantes autores no campo da sociologia do desporto e argumenta-se em favor de uma reconstrução da disciplina na perspectiva das teorias da estruturação, por forma a destacar a contingencialidade e especificidade das práticas desportivas nas sociedades modernas, em particular na vertente do desporto-espectáculo.

A banalidade do reconhecimento da antiguidade da prática desportiva enquanto «característica humana» tem, com frequência, permitido dispensar a necessidade de construir sociologicamente o campo do desporto como objecto teórico autónomo. Igualmente habituais são as abordagens do fenómeno desportivo carecidas de uma contextualização viabilizadora de análises teoricamente informadas da *diversidade* histórica das práticas e sistemas desportivos. Neste contexto, a recente inflação de textos de «sociologia do desporto» corresponde, no essencial, a exercícios de aplicação de conceptualizações oriundas de outras tradições disciplinares, nos quais o fenómeno desportivo constitui referência para efeitos de mera ilustração¹.

A pobreza analítica daquele tipo de trabalhos contrasta vivamente com as investigações que têm vindo a ser realizadas por um restrito número de autores, entre os quais é de justiça realçar os nomes de Allen Guttman, nos EUA, Rick Gruneau, no Canadá, John Hargreaves e Eric Dunning, em Inglaterra, Pierre Parlebas, em França, e, com particular evidência, o de Norbert Elias pelo seu pioneirismo e originalidade.

* Este artigo é um primeiro resultado de uma linha de investigação sociológica sobre o futebol português, a decorrer no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, correspondendo à fase de construção do modelo teórico orientador das acções de pesquisa empírica. Com base neste texto os autores apresentaram uma comunicação ao 1.º Congresso Português de Sociologia.

** Docentes no ISCTE e investigadores do CIES.

Desporto e modernidade

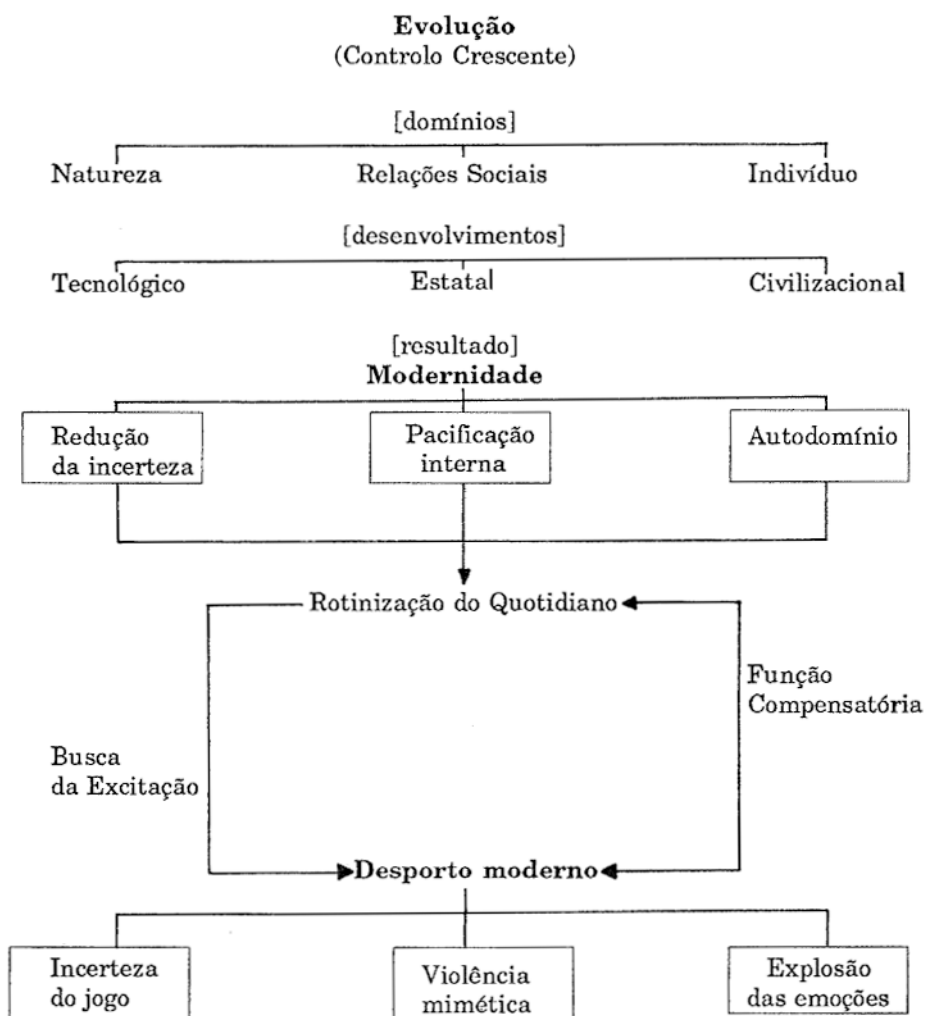
A história da produção do desporto moderno constitui, provavelmente, um dos mais importantes contributos de Elias para a sociologia do desporto². No entanto, e como alguns autores chamaram a atenção, convirá reavaliar esses contributos tendo presente que a análise dos processos históricos desenvolvida por Elias incorpora uma dimensão evolucionista³, a qual se encontra manifesta com clareza nas suas pesquisas sobre o fenómeno desportivo. De facto, a caracterização do desporto moderno enquanto ponto de chegada de desenvolvimentos cumulativos nos processos de autocontrolo individual das emoções e de controlo social da violência constitui sintoma claro de um entendimento direccional e progressivo da mudança. É inegável, porém, que ao evidenciar as descontinuidades caracterizadoras da transição para a modernidade, Elias contribui decisivamente para a delimitação teórica da especificidade do desporto tal como o conhecemos hoje. Para uma melhor compreensão desta especificidade deverá ter-se presente a centralidade conferida pelo autor à análise sociológica da articulação entre mudança estrutural e mudança sociopsicológica, incluindo este último domínio, nomeadamente, os processos de mutação das formas sociais de expressão das emoções.

Neste quadro de referência, o desporto constitui, nas sociedades modernas, um espaço compensatório das tendências à rotinização do quotidiano, construído pelos actores no decurso de estratégias visando a expressão de «emoções fortes» — *a busca da excitação*. Aquelas tendências, imputadas às dimensões especificadoras da modernidade nos planos tecnológico, estatal e civilizacional, seriam deste modo permanentemente contraditadas (ver Fig. 1). Num mundo caracterizado pela crescente previsibilidade usualmente tida como associada à expansão do industrialismo, valoriza-se, por contraponto, a *incerteza do jogo*. Num quadro de sistemática procura da pacificação interna pelo Estado-Nação, desenvolvem os actores espaços de dramatização onde encenam a *violência mimética*. E, por último, o desporto moderno, em particular o desporto-espectáculo, constitui-se como um reduto viável para a *explosão das emoções*, abafadas num dia a dia regulado pela emergência de um autodomínio que impõe civilizados usos e costumes⁴.

Neste sentido, a prática desportiva, enquanto actividade protagonizada por actores dotados de inteligibilidade, ainda que parcial, dos contextos em que operam⁵, *pode* inclusive constituir, em especial quando desenvolvida no domínio recreativo, uma forma de resistência cultural, uma prática contra-hegemónica pela qual os actores transformam regularmente as condições de reprodução das sociedades capitalistas industriais. Como salienta Gruneau, a dimensão lúdica inscrita na prática do desporto, a «promessa do jogo», contém elementos de anomalia que *podem* ser activados no quadro de estratégias de oposição à racionalização acelerada das relações sociais, acentuada pela crescente eficácia dos processos de vigilância e controlo accionados pelo Estado-Nação⁶.

FIGURA 1

O Desporto na Sociedade Moderna



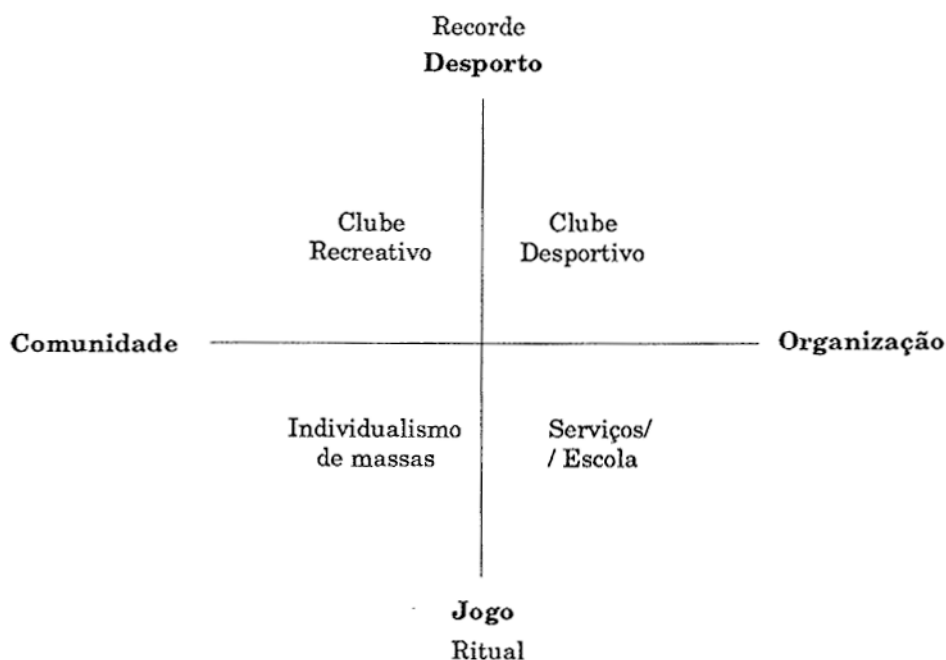
A diversidade das práticas desportivas

Importa, no entanto, ter presente que o universo das práticas desportivas, enquanto panóplia de possibilidades mobilizáveis pelos actores, constitui-se como um campo de potencialidades *diferenciadas* de exercício ou resistência à dominação. Através da análise das diferentes configurações institucionais sob as quais decorre e se concretiza a actividade desportiva, é possível produzir uma interpretação esclarecedora sobre o modo como ela se objectiva no quadro da dialéctica do poder. Nes-

te particular, é de especial utilidade a elaboração de modelos classificativos, sendo a tipologia construída por Guttman a que, em nossa opinião, melhor satisfaz aquela análise (ver Fig. 2).

FIGURA 2

Tipologia das Práticas Desportivas



Entre os quatro ideais-tipo identificados por aquele autor, é o *clube recreativo*, por excelência, o espaço social propício à reelaboração da prática desportiva, e, portanto, ao desenvolvimento de estratégias contra-hegemónicas acompanhadas, embora de forma menos acentuada, por processos de resistência cultural. Potencialmente, estes processos encontram a sua expressividade maior no *individualismo de massas*, dado o baixo grau de institucionalização destas práticas e a sua orientação eminentemente lúdica, elementos facilitadores da afirmação da autonomia individual.

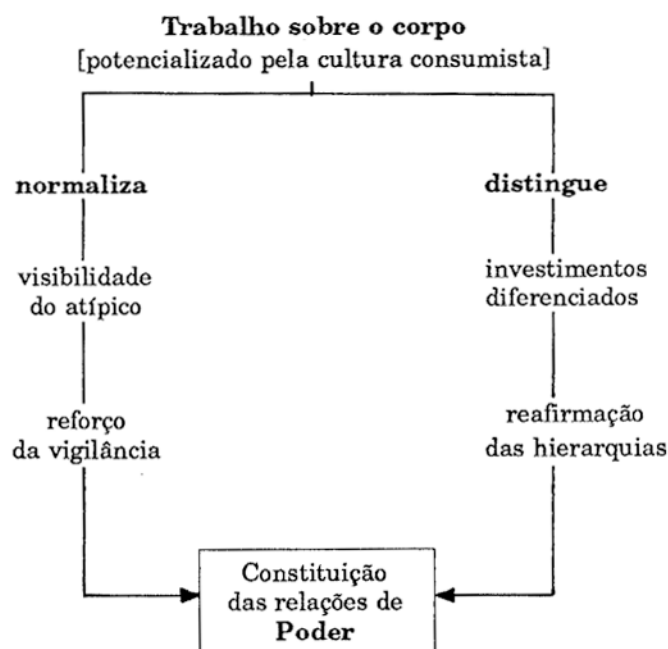
Ao invés, as práticas enquadradas pelos *clubes desportivos* tendem a subordinar-se a uma lógica de reprodução, apesar de tal tendência ser parcialmente contraditada pelas tensões resultantes da emulação competitiva (orientação para o recorde). Uma exarcerbação da subordinação das práticas desportivas aos requisitos sistémicos da reprodução ocorre quando se articula a dimensão ritualística do jogo com formas de enquadramento organizativo de tipo empresarial ou estatal. Exemplos disso são as *actividades desportivas escolares ou da educação militar*,

bem como as proporcionadas pelas organizações de *comercialização da ocupação dos tempos livres* ou de «cuidados do corpo».

Como é sublinhado por Hargreaves, o trabalho operado sobre o corpo pelos serviços desportivos, e com maior incidência o desenvolvido em instituições tuteladas pelos aparelhos de dominação, como a escola e as forças armadas, é um meio decisivo na constituição das relações de poder (ver Fig. 3)⁸. Aquele trabalho, ao investir na disciplina e normalização dos usos do corpo, contribui para um incremento da capacidade de vigilância e controlo social, porquanto constitui um instrumento possibilitador da evidenciação da discrepância. Por outro lado, as actividades desportivas, quando desenvolvidas como ocupação de lazer e de manifestação narcísica, são meio de realização de investimentos simbólicos orientados para a afirmação da distinção pela diferença, ou seja, uma forma de constante actualização das distâncias sociais e das hierarquias.

FIGURA 3

Desporto, Corpo e Poder



Mais complexas e matizadas parecem ser as relações entre o desporto-espectáculo e os procedimentos de institucionalização da dominação.

O desporto-espectáculo

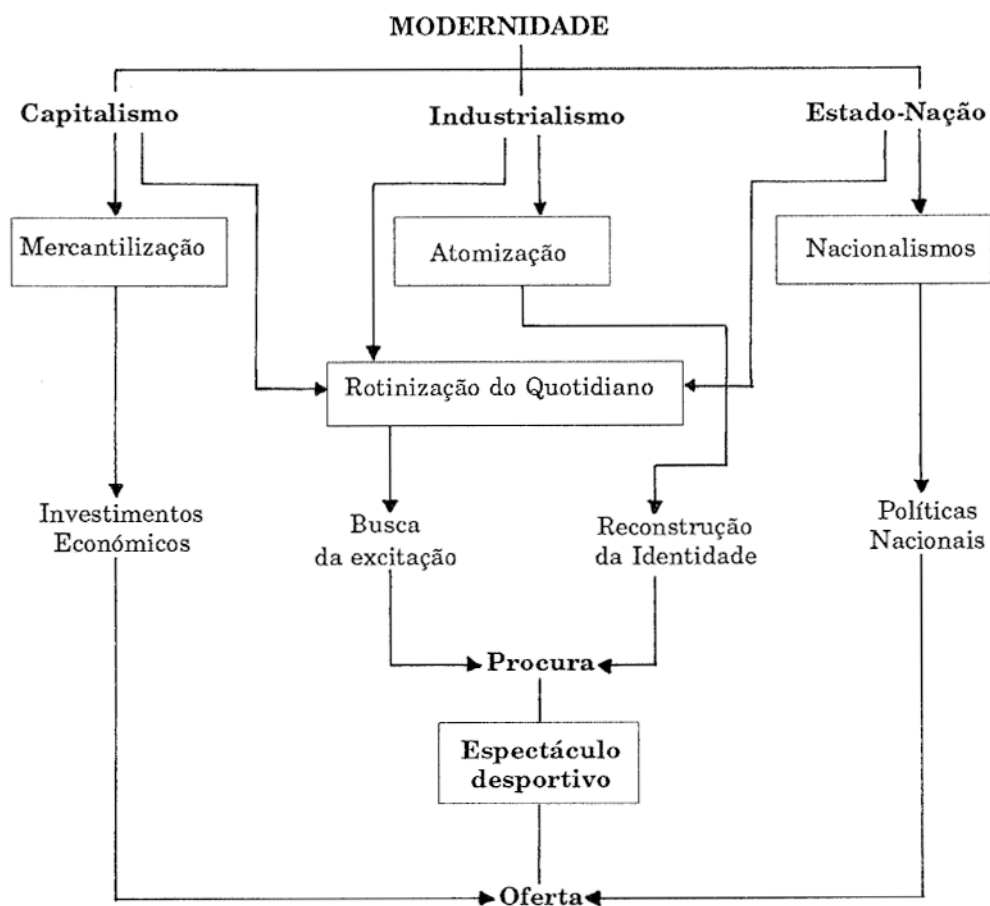
Se, como alguns autores sustentam, o *espectáculo* desportivo tem uma antiguidade secular⁹, ele apresenta nas sociedades contemporâneas desenvolvidas uma singularidade cujos traços podem ser referenciados às dimensões estruturais da modernidade, em particular a alguns dos modos de especificação dos sistemas de regras estruturantes dos complexos institucionais do Capitalismo, do Industrialismo e do Estado-Nação¹⁰. De entre aqueles modos de especificação, e como foi anteriormente referido, a rotinização do quotidiano é central na constituição das práticas desportivas. No entanto, limitar a compreensão do moderno espectáculo *desportivo* a esta dimensão analítica, para além de conduzir a uma mera e ineficaz perspectiva unidimensional, dificilmente permitiria a captação da especificidade deste subconjunto da actividade desportiva enquanto, por um lado, espaço propício ao desenvolvimento de estratégias de reconstrução de identidades segmentais e de reafirmação das identidades nacionais, bem como, por outro, enquanto campo de investimentos económicos e de exercícios de legitimação da dominação política (ver Fig. 4).

A articulação de processos convergentes mas com origem em domínios de acção tão diversos entre si, não se realiza sem a emergência de múltiplos focos de tensão, frequentemente ignorados em abordagens funcionalistas, sejam elas oriundas da tradição marxista, e portanto enfatizando a instrumentalidade do desporto enquanto mecanismo de dominação subsumido na lógica da mercantilização¹¹, ou oriundas da matriz parsoniana, nas quais é acentuada a vertente integradora da actividade desportiva enquanto possibilitadora da interiorização de sistemas de normas e valores comuns¹². A título ilustrativo, são de salientar como factores de críspação cuja génese é imputável à relação entre as variáveis do nosso modelo sobre «Processos Constitutivos do Desporto-Espectáculo», algumas questões presentes nos domínios da *produção mediática*, da *referenciação das identidades* e, por fim, da *profissionalização do atleta*.

O massivo e extenso investimento mediático no espectáculo desportivo, ao qual não será estranho o impacte de uma encenação onde o drama se constrói com base nos rituais do jogo e na simbolização da violência, acarreta a necessidade da definição, pelos meios de comunicação, de critérios de selecção dos *temas* desportivos. Para Pierre Parlebas, aquela selecção opera em função do grau de complexidade estrutural dos jogos (ver Fig. 5), sendo as disciplinas menos complexas as mais facilmente institucionalizadas pelos grandes produtores do espectáculo desportivo e as que recolhem a preferência nas estratégias de difusão dos *media*¹³. Por discutível que seja esta tese, como é ilustrado pelo facto de o futebol ser um jogo de complexidade elevada segundo os critérios de Parlebas e, simultaneamente, uma das disciplinas que recolhe maiores investimentos e audiência, permite evidenciar a possibilidade de uma discrepância fundamental entre, por um lado, os efeitos de exclusão derivados dos imperativos da lógica da produção do espectáculo desportivo e, por

FIGURA 4

Processos Constitutivos do Desporto-Espectáculo

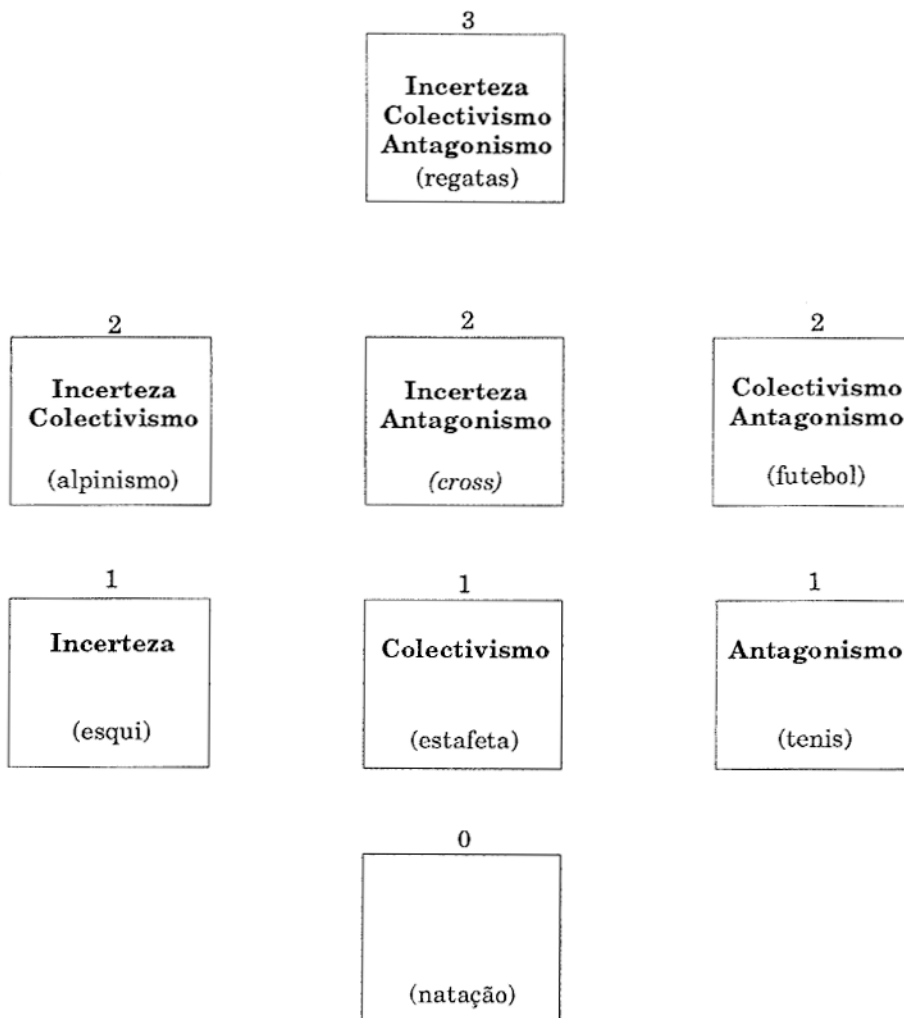


outro, a especificidade de uma procura em grande medida orientada pela componente circense do jogo.

Naquela procura, o papel activo jogado pelo espectador no desporto de competição encontra-se, de igual modo, profundamente imbricado nas dinâmicas de construção e articulação dos referentes de identidade colectiva, relação esta assaz evidenciada nos momentos de eclosão de conflitos entre adeptos. Nestes casos, denota-se o culminar de tensões frequentemente enraizadas nas assimetrias do poder e nas assincronias resultantes do desenvolvimento desigual das diferentes dimensões da modernidade no interior dos Estados-Nação e/ou no quadro do Sistema-Mundo. A resistência à hegemonia das *metrópoles*, quando associada à persistência de relações de cariz pré-moderno, pode traduzir-se pela irrupção de comportamentos não regulados pelas aquisições civilizacio-

FIGURA 5

Grau de complexidade dos Jogos Desportivos

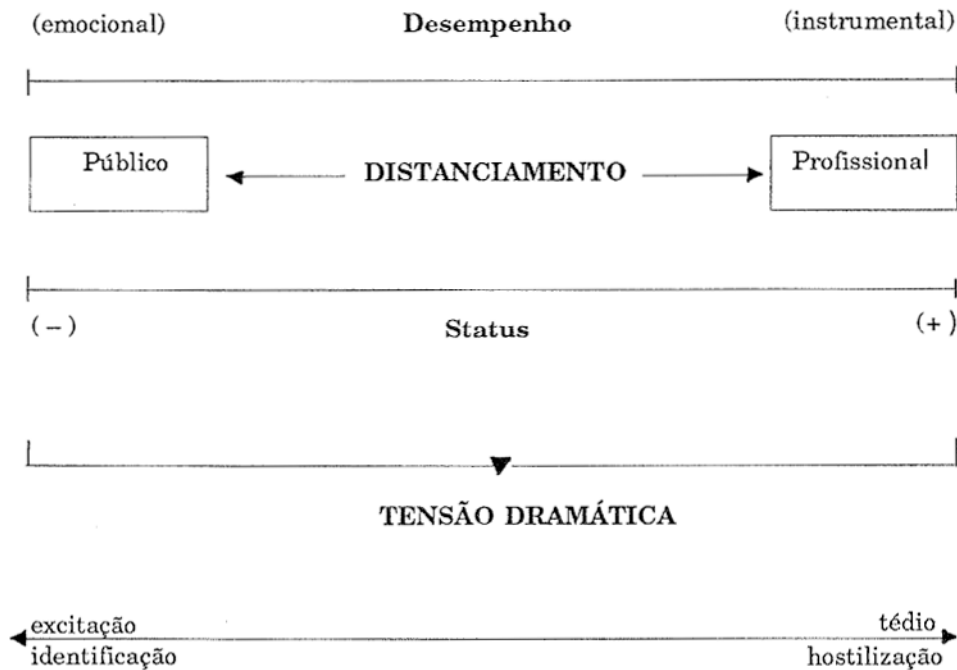


nais no domínio do autocontrolo das emoções e da violência, nomeadamente quando encontra no palco do desporto um espaço por definição propício à explosão das emoções contidas no quotidiano. O sistema de regras especificador do desporto-espectáculo como campo alternativo face à tendência para a rotinização do quotidiano, delimita um espaço de equilíbrio instável cujos desenvolvimentos, pela sua indeterminação, podem ter como resultados efeitos de tipo funcional (compensação) ou disfuncional (desordem), em relação ao problema de manutenção da ordem. Neste sentido, a possibilidade de uma explicação satisfatória da violência no desporto deve centrar-se, primordialmente, na compreensão da singularidade dos elementos estruturantes do campo desportivo, em particular na sua vertente competitiva e espectacular¹⁴.

Esta orientação metodológica permite alargar o espaço de visibilidade teórica e, desta forma, identificar possibilidades de tensão inerentes ao desporto-espectáculo ignorados em análises que teimam em encarar o fenómeno desportivo como mera metáfora da vida social. Por exemplo, é assim possível localizar como fonte de crispação a contradição emergente entre a dinâmica induzida pelo movimento de profissionalização do atleta e a persistência, no espectador, de orientações valorizadoras das componentes de emoção e comunhão próprias do ritual do jogo. Em situações de insatisfação face ao desenrolar do espectáculo nos planos lúdico e competitivo, aquela contradição pode originar formas de distanciamento dramático entre público e atleta (ver Fig. 6), consubstanciadas em manifestações de ressentimento com afloramentos de violência indeterminados na sua extensão e intensidade.

FIGURA 6

Profissionalização «versus» Espectáculo



A próxima publicação dos primeiros resultados de uma pesquisa empírica sobre o futebol português, que temos vindo a desenvolver nos últimos anos, permitirá, certamente, tornar mais evidentes as virtualidades e potencialidades da perspectiva teórica argumentada ao longo deste texto.

Notas

¹ Uma análise à bibliografia em Sociologia do Desporto publicada entre 1976 e 1986 permitiu verificar que das 486 referências existentes na Base FRANCIS do CNRS mais de 90% tinham este carácter ilustrativo. O mesmo tipo de observação é igualmente aplicável a muitos dos ensaios incluídos em G. Luschen e G. Sage (orgs.), *Handbook of Social Science of Sport*, Champaign, Stipes Pub. Co., 1981, uma das mais conhecidas (e monumentais) obras de referência neste domínio disciplinar.

² Um bom exemplo das características distintivas da sociologia histórica do desporto desenvolvida por Elias pode ser encontrado no artigo «Sport et Violence», *Actes de la Recherche*, n.º 6, 1976, pp. 2-19. As posições aí defendidas pelo autor inscrevem-se no contexto da sua análise sobre o *processo civilizacional*, designação sob a qual se concretiza o estudo da mudança histórica no quadro de uma perspectiva teórica original que veio a ser designada por sociologia configuracional. A este respeito ver, em especial, *The Civilizing Process* (vol. 1: *The History of Manners*; Vol. 2: *State and Civilization*), Oxford, Blackwell, 1978-1982 (ed. original: 1939) e *Introdução à Sociologia*, Lisboa, Edições 70, 1980 (ed. original: 1970).

³ Ver J. Horne e D. Jarry, «The Figural Sociology of Sport and Leisure of Elias and Dunning: An Exposition and a Critique» in: J. Horne, D. Jary e A. Tomlinson (orgs.), *Sport, Leisure and Social Relations*, London, Routledge & Kegan Paul, 1987, pp. 86-112.

⁴ Ver N. Elias e E. Dunning, *Quest for Excitement*, Oxford, Blackwell, 1986.

⁵ O papel dos actores na produção das regras constitutivas do campo desportivo é realçado mormente por autores filiados na tradição etnometodológica e, mais recentemente, por sociólogos influenciados pela teoria da estruturação desenvolvida por A. Giddens. Para um exemplo das propostas dos primeiros ver, nomeadamente, os artigos de Francis Kew «Playing the Game: An Ethnometodological Perspective» e «Contested Rules: An Explanation of How Games Change», publicados pela *International Review for Sociology of Sport*, vol. 21, n.º 4, 1986, pp. 305-321 e vol. 22, n.º 2, 1987, pp. 125-135, respectivamente. A segunda abordagem referida pode ser ilustrada pelos textos de A. Ingham e S. Hardy, «Sport: Structuration, Subjugation and Hegemony», *Theory, Culture & Society*, vol. 2 n.º 2, 1984, pp. 85-103 e de P. Bramham, «Giddens in Goal: Reconstructing the Social Theory of Sport», in: P. Bramham *et al.*, *New Directions in Leisure Studies*, Department of Applied and Community Studies, Bradford and Ilkley Community College.

⁶ Ver R. Gruneau, *Class, Sports and Social Development*, Cambridge, Massachusetts, University of Massachusetts Press, 1983.

⁷ Ver A. Guttman, *From Ritual to Record*, Nova Iorque, Columbia University Press, 1978. Foram tidas em consideração as alterações à tipologia inicial sugeridas em R. Thomas, A. Haumont e J.-L. Levet, *Sociologie du Sport*, Paris, PUF, 1987.

⁸ De J. Hargreaves ver *Sport, Power and Culture*, Cambridge, Polity, 1986 e «The Body, sport and power relations», in J. Horne, D. Jary e A. Tomlinson (orgs.), *op. cit.*, pp. 139-159. Embora com um carácter menos elaborado, posições semelhantes são sustentadas por P. Bourdieu em «Programme pour une sociologie du sport», in *Choses Dites*, Paris, Minuit, 1987. Sobre os processos de normalização e distinção referenciados na Fig. 3, ver também M. Foucault, *Surveiller et punir*, Paris, Gallimard, 1975 e P. Bourdieu, *La Distinction*, Paris, Minuit, 1979, respectivamente.

⁹ Ver A. Guttman, *Sports Spectators*, Nova Iorque, Columbia University Press, 1986.

¹⁰ A discriminação destas dimensões da modernidade retoma as propostas de A. Giddens na obra *The Nation-State and Violence*, Cambridge, Polity, 1985, sintetizadas pelo autor em «Dimensões da Modernidade», *Sociologia — Problemas e Práticas*, n.º 4, 1988, pp. 237-251. Do mesmo autor foram também tidos, com reformulações, os eixos de conceptualização dos processos de estruturação desenvolvidos em *The Constitution of Society*, Cambridge, Polity, 1984.

¹¹ Uma boa ilustração deste tipo de abordagem está presente em B. Rigauer, *Sport and Work*, Nova Iorque, Columbia University Press, 1981.

¹² Ver, por exemplo, J. Loy e G. Kenyon, *Sport, Culture and Society*, Londres, Macmillan, 1969.

¹³ Ver P. Parlebas, *Éléments de Sociologie du Sport*, Paris, PUF, 1986.

¹⁴ Uma valorização excessiva de factores exógenos na análise do problema da violência no desporto, por contraponto à perspectiva por nós defendida, transparece mesmo em obras de autores que mais contribuíram para a autonomização disciplinar da sociologia do desporto. A este propósito ver E. Dunning, P. Murphy e J. Williams, *The Roots of Football Hooliganism*, Londres, Routledge and Kegan Paul, 1988.